

Grupo
Matriarcas do
Samba celebra
a obra do genial
compositor

Por Affonso Nunes

Na semana em que Antônio Candeia Filho, o Candeia, completaria 90 anos o grupo Matriarcas do Samba sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras neste sábado (23) para homenagear o cantor, compositor e ativista da cultura afrobrasileira. O espetáculo reúne três gerações de mulheres que carregam no sangue a herança dos maiores nomes do gênero: Selma Candeia, filha do homenageado; Nilcemar Nogueira, neta de Cartola; e Vera de Jesus, neta de Clementina de Jesus.

A apresentação promete ser um mergulho na intimidade do universo do artista, com Selma compartilhando memórias dos 19 anos de convivência com o pai, morto precocemente em 1978. Ela revelará histórias dos bastidores das rodas de samba que Candeia comandava nos quintais da família, momentos que moldaram sua compreensão sobre a essência do partido alto e da filosofia sambista.

Em depoimento a este repórter por ocasião do aniversário do pai, Selma revelou que amigos do samba iam tocar na casa de Candeia como forma de reanimá-lo após ter ficado paraplégico ao ser baleado na medula espinhal durante uma discussão de trânsito. “Mas os amigos e parceiros não deixaram ele na mão. Iam pra casa dele, organizavam rodas de samba. Até aquele momento eu e meu irmão não tínhamos a compreensão do que ele significava para o samba e para música brasileira”, recorda.

O repertório percorre pérolas do cancionário do sambista como “Testamento de Partideiro”, “Dia de Graça”, “O Mar Serenou” e “Filosofia do Samba”, composições que consolidaram Candeia como um dos pilares da MPB. O show também celebra

Uma festa iluminada pela arte de Candeia



Selma Candeia, Nilcemar Nogueira e Vera de Jesus formam o Matriarcas do Samba

Arquivo/Reprodução



Mais que sambista, Candeia foi um ativo portavoz da identidade negra

a amizade e parceria musical entre o homenageado, Cartola e Clementina de Jesus, incluindo sucessos como “Marinheiro Só”, “O Mundo É Um Moinho” e “O Sol Nascerá”.

A noite contará com participações especiais de Tia Surica, Dorina, Leo Russo, Marcelinho Moreira e representantes das escolas de samba Portela e Rosa de Ouro, de São Paulo. Ailton Graça, ator e presidente da Lavapés Pirata Negro, também participará do evento, antecipando o enredo que sua escola desenvolverá sobre Candeia para o Carnaval de 2026.

Candeia foi guardião das melhores tradições do samba. Seu primeiro álbum solo, “Candeia” (1970), marcou o início de uma

discografia que serviria de farol para as gerações futuras. “Raiz” (1971) trazia uma autoridade quase griô, com composições que remetiam à

ancestralidade afro-brasileira. Em “Samba de Roda” (1975), mostrou todo seu domínio nos improvisos do partido-alto. Em “Luz da Inspiração” (1977), o inquieto artista aprofundou sua investigação sobre a identidade negra no Brasil pós-abolição. Seu último trabalho, “Axé - Gente Amiga do Samba”, finalizado pouco antes de sua morte em 1978, é considerado um dos discos mais importantes da história do gênero, uma síntese perfeita da filosofia musical e política do artista.

A luz de Candeia se espalhou através de parcerias memoráveis que enriqueceram nosso cancionário popular. Com Paulinho da Viola, criou “Minhas Madrugadas”, uma das mais belas canções do samba mo-

derno. Ao lado de Wilson Moreira e Waldir 59, assinou sambas-enredo antológicos para a Portela, chegando a emplacar seis sambas seguidos na escola. Com Martinho da Vila, compôs “Amor Não é Brinquedo”.

Foi gravado por grandes nomes de nossa música, a começar por Tia Surica - a baluarte e presidente de honra da Portela foi quem mais gravou suas composições. Mas a lista é grande e traz nomes como Cartola, Clara Nunes, Martinho da Vila, Paulinho da Viola, Marisa Monte, Ney Matogrosso, Beth Carvalho, Elza Soares, Cristina Buarque, Alcione, Zeca Pagodinho, Fundo de Quintal, Arlindo Cruz e Teresa Cristina, entre outros.

Mais que compositor e intérprete, Candeia pavimentou os caminhos da resistência cultural. Crítico ferrenho da comercialização desenfreada das escolas de samba, denunciava o afastamento das agremiações de suas raízes comunitárias com a chegada de pessoas vindas de fora (figurinistas, coreógrafos, artistas plásticos, entre outros que estavam “profissionalizando” o Carnaval).

Em 1975, materializou esta visão ao fundar o Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo, espaço dedicado à preservação da autenticidade do samba e à valorização da identidade afro-brasileira. Desfilando pelas ruas do subúrbio, a escola não participava das competições oficiais do carnaval.

Neste período de rompimento com o establishment das escolas, lançou “Escola de Samba: A Árvore que Esqueceu a Raiz”, um livro-manifesto escrito em parceria com Isnard de Araújo e publicado em 1977. A obra desnudou as contradições do carnaval comercial e propondo caminhos para o retorno às origens comunitárias das agremiações. Suas reflexões anteciparam debate que se intensificaria nas décadas seguintes. Candeia louvava o passado, mas tinha olhos para o futuro.

SERVIÇO

MATRIARCAS DO SAMBA
CANTAM CANDEIA 90 ANOS
Teatro Rival Petrobras (Rua
Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia).
23/8, às 19h30
Ingressos entre R\$ 50 a R\$ 120